Os Maus e os Bons Fantasmas: Uma História de Reautoria em Terapia Narrativa com Criança

Adriana Bellodi Cosa César

"Há um menino, há um moleque

morando sempre no meu coração

toda vez que o adulto balança

ele vem pra me dar a mão."

Brant e Nascimento (1988)

A infância é um campo de conhecimento teórico-prático inesgotável que alimenta o contínuo tornar-me terapeuta de crianças, sejam elas sozinhas comigo na sala de terapia, sejam acompanhadas de suas famílias ou outros cuidadores. Trago comigo uma criança valiosa a conduzir-me pelos caminhos e encruzilhadas do trabalho terapêutico e que inspira minha imaginação e curiosidade por um mundo a ser descoberto. Favorecida por ter nascido em uma família em que outras crianças chegavam ano a ano, os irmãos mais velhos como eu eram ensinados a cuidar dos mais novos. Fui privilegiada ainda por vir de uma geração onde as vizinhanças eram povoadas de crianças e o brincar em espaços livres era imperativo. Assim, em meus atendimentos, ecoando os compositores e músicos brasileiros citados acima, há uma criança morando sempre no meu coração.

Desse patrimônio cultural particular, adquiri posicionamentos que hoje considero alicerces para as minhas relações pessoais em geral e fundamentais para a prática clínica, pois entendo que a relação terapêutica com crianças exige deixar-se levar pela convivência lúdica e criativa, e a crença em uma relação colaborativa que transforma formas de vidas infelizes.

Este texto foi produzido por sentir-me convidada a compartilhar uma reflexão sobre a clínica cotidiana, entendendo-o como um diálogo escrito entre mim, autora, e outros autores ou leitores, como sugerem Rasera e Guanaes (2006). Envolve uma família que é composta pelos pais e duas crianças com oito e quatro anos. Os atendimentos foram feitos em sua maioria, envolvendo a mãe e seu filho mais velho, cujo principal impasse era o espírito indomável que surgia sempre

que contrariado por ela, quando um abundante fluxo de raiva, acusações e insatisfações surgia por parte dele e a paralisava. Trata-se de conversações terapêuticas ocorridas durante o ano de 2020, as quais foram atravessadas pelo advento da pandemia instalada pela COVID-19 e traz como desafio, a criação de recursos para a manutenção do processo terapêutico.

No diálogo com o leitor pretendo relatar fragmentos da prática, buscando dar visibilidade: 1) às conversas de externalização como recurso dialógico lúdico e promotor de mudanças preferíveis; 2) à produção de documentos terapêuticos no formato de crônicas terapêuticas (Campillo Rodriguez, 2011; Paljakka, 2008), um recurso útil para pontuar momentos marcantes no processo de reautoria dos participantes; 3) e compartilhar momentos em que o uso da tecnologia on-line auxiliou a co-construção de relações terapêuticas generativas, possibilitando seguir adiante no processo conversacional.

Conversando com Alguns Amigos Textuais Antes de Entrar na Sala de Terapia

Michael White (2012), a despeito da expressiva capacidade de sistematização do conjunto de sua obra, privilegiava os desdobramentos de seu trabalho de forma que o espírito da terapia narrativa fosse expandido, sem deixar-se amarrar por qualquer discurso preponderante desta ou daquela escola terapêutica. David Epston, ecoando essa pluralidade de sentidos na terapia narrativa, aponta por um lado, a irreverência, a improvisação e a imaginação presentes no centro da vida cotidiana e, por outro, a indignação com a injustiça geradora de sofrimento humano (2019). Assim, a terapia narrativa questiona ativamente a centralização individual dos problemas humanos e convida a pensar sobre sua inserção nos discursos sociais dominantes que configuram a vida das pessoas.

Como uma postura terapêutica, esse questionamento promove uma relação igualitária entre terapeuta e cliente e nega normatizações que submetam as pessoas a padrões de como deveriam ser, sentir e agir. Tal descentramento do terapeuta facilita uma construção conjunta das escolhas que os clientes desejam assumir sobre seus problemas e dificuldades, baseados nos valores e crenças que norteiam suas vidas. Assim, a mudança se constrói a partir de novos significados compartilhados em direção à dissolução do problema, como sugerem Anderson e Goolishian (1988).

A terapia narrativa discute a desconstrução do poder do terapeuta, a partir de uma visão foucaultiana que enfatiza o poder não como uma implementação institucional do topo para baixo, mas como aquele que desenvolve- se e refina-se no nível local da cultura (White & Epston, 1993). Em outras palavras, as pessoas são produto e produtoras de relações, conceitos e dogmas que moldam discursos culturais dominantes e socialmente construídos. Dessa forma, no encontro terapêutico deparamo-nos com narrativas normatizadas culturalmente e saturadas pelo problema, que objetificam pessoas e as descrevem como problemáticas, paralisadas e incompetentes na promoção de mudanças.

Para fazer face às histórias dominantes que produzem esta construção identitária de defcit e limitação, a externalização do problema - posteriormente renomeada de conversas de externalização - foi uma resposta ética e criativa originada por Michael White (Freeman, Epston & Lobovits, 1997; White, 2012; White & Epston, 1990) ao poder das descrições uniformizantes sobre as pessoas, que fazem submergir toda a singularidade que cada indivíduo tem no enfrentamento de suas dificuldades. Tais conversas, como recurso dialógico, convidam os participantes a entenderem que o problema é que é o problema e não a pessoa; uma abordagem que estimula as pessoas a questionarem a opressão que os problemas adquirem sobre elas, assim como a tecerem a reautoria de suas vidas. Diz Michael White (2012):

> Considero a prática de externalização em certo sentido como um amigo leal. Ao longo de muitos anos, essa prática me ajudou a descobrir maneiras para seguir em frente com pessoas em situações consideradas desesperadoras. Nessas situações, as conversações de externalização abriram muitas possibilidades para que redefinissem sua identidade, vivenciassem sua vida de uma nova maneira e buscassem aquilo que valorizavam. (p. 59)

Este espírito fascinante que repousa no que é único de cada pessoa e tão presente no convívio profissional com crianças reflete o entusiasmo de um outro pequeno cliente: “Falei para o meu pai: ‘Deve ter alguma mágica aqui! Aquela choradeira que eu fazia pra tudo, sumiu!’”

Com a inspiração de “como se fosse mágica”, trarei a seguir o relato do atendimento familiar no qual este texto foi baseado. Os encontros foram em sua maioria com a participação da mãe (Aurora) e seu filho mais velho (Daniel), uma

vez que as dificuldades descritas traziam muitos desentendimentos e o sentimento de desesperança na relação entre eles. Anderson e Goolishian (1988) sugerem que o problema organiza o sistema, e assim, Leo, o irmão mais novo foi incluído quando conflitos entre as crianças intensificaram-se com o isolamento social imposto pela pandemia; o pai pode pôde participar de algumas sessões apenas, quando conseguíamos o agendamento de horários no contraturno de seu trabalho. Nesses encontros onde a família toda se reunia, o brincar livremente foi o objetivo principal. (César, 2012)[1].

Um Pedido de Ajuda

Ainda nos primeiros dias das férias de janeiro de 2020, Aurora, a jovem mãe de Daniel (oito anos) e Leo (quatro anos) estava muito angustiada por não conseguir uma relação equilibrada com o filho mais velho, que se "joga na televisão" e não se comprometia com suas obrigações, desde os cuidados com a higiene pessoal até as obrigações escolares em tempos de aula. Nascido aos 7 meses de gestação, foi avaliado durante o período de alfabetização e recebeu diagnóstico de Transtorno de Distúrbio de Atenção (TDA), além de conviver com uma desconfortável disgrafia e imaturidade psicomotora, que obrigava a mãe a acompanhar tarefas escolares, corrigir erros de ortografia e "apagar a letra feia". Sempre muito queixoso, ficava irritado quando a mãe o pressionava: gritava, chorava, acusando-a de ser uma mãe ruim. Isso a deixava "fora de si", entendendo que fazia o melhor podia. Nesses momentos a raiva também a dominava, de onde emergiam falas que jamais adotaria se pudesse pensar antes de dizer. Sentia-se portanto, muito culpada e convencia-se de que realmente não era uma boa mãe.

Aurora preocupava-se também com o filho menor. Tal como o irmão mais velho, nasceu prematuro, porém as intercorrências perinatais e os efeitos do nascimento precoce foram mais invasivos no seu desenvolvimento. Os pais passaram a protegê-lo, pouco o encorajando na autonomia das atividades da vida cotidiana: "Ele é o nosso bebê"; "exigiu muito cuidado", "sempre foi fraquinho"; "ganha tudo no choro e eu acabo cedendo para não me irritar mais", dizia Aurora. Uma espécie de círculo vicioso se estabeleceu, onde as atitudes desafiantes de Daniel e o choro insistente de Leo resultavam numa explosão conjunta de

[1] Os nomes dos participantes foram modificados para que suas identidades sejam preservadas, e como autora obtive o consentimento da família para a publicação deste artigo.

irritabilidades. Dessa forma, ao ceder às demandas dos filhos, Aurora conseguia um momento de paz: “Volto a fazer o que eles pedem para acabar logo com as reclamações” para, logo em seguida, ser tomada pela culpa e pelo desconfortável sentimento de impotência frente aos impasses.

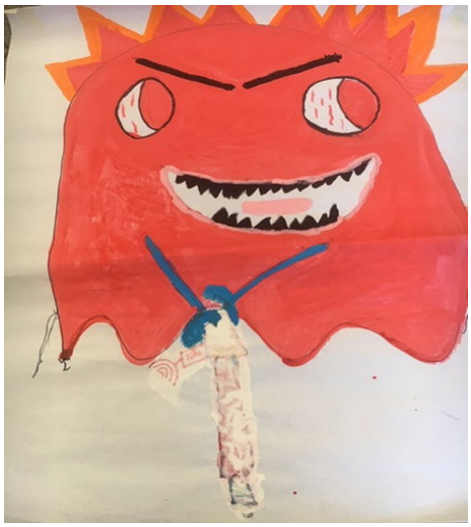
A família havia mudado-se há dois anos para a cidade dos avós maternos, na esperança de receberem o suporte familiar para os cuidados e tratamentos dos filhos. Deixaram para trás escolas, relações, amizades, lazer, estabilidade profissional. Defrontaram-se com obstáculos profissionais e financeiros e a ajuda esperada dos familiares não se concretizou. O casal sofreu uma reorganização nas suas responsabilidades como provedor da família, sendo que o pai das crianças expandiu suas atividades profissionais, enquanto Aurora via as dela serem reduzidas em função dos cuidados e educação dos filhos. Iniciava-se assim um período duradouro de frustrações, sobrecarga e exaustão.

“Olá, Posso Entrar?”: Ampliando os Significados do Problema

Compareceram ao primeiro encontro Aurora e Daniel, um garoto silencioso e observador aparentemente pouco interessado em participar da conversa que dizia respeito às suas falhas no dia a dia. Aurora discorria sobre todos os seus desapontamentos com o filho como: assistir muita televisão, reclamar de tudo, embora ela estivesse sempre auxiliando-o, faltar-lhe autonomia para os deveres escolares, evitar atividades físicas, ser pouco cooperativo e desobediente às determinações dos pais. Sua maior dificuldade, porém, dizia respeito à inabilidade de controlar-se antes de explodir em ataques de raiva, quando contrariado. Desconfortável, Daniel absolutamente calado e tristonho, lentamente afastou-se e desapareceu da sala. Um outro ambiente lhe era mais interessante: a sala de brinquedos.

Convidei a mãe a acompanhá-lo e, buscando uma forma de incluí-lo no motivo que os trouxeram à consulta, disse que muitas crianças sofrem com toda a sorte de problemas, e que, como se não bastasse, esses problemas atrapalham também a vida de suas famílias. Curiosa para conhecer a cara do problema, perguntei se conseguiríamos tirar uma foto dele; problemas que assombram a vida das crianças são invisíveis e só poderemos conhecê-los desenhando-os. Continuando, disse que ainda não foi inventada uma máquina fotográfica que registrasse a existência desses seres que tanto perturbam as pessoas. A mãe parecia aberta e curiosa, Daniel aparentava estar incrédulo com o que acabara de ouvir. Aurora

tomou a iniciativa e rapidamente os dois viram-se sentados no chão, às voltas com papel, pincéis, tinta e entusiasmo. Enquanto planejavam o que seria desenhado, uma conversa diferente tomou lugar; novos vocabulários brotaram de uma relação mãe - filho agora muito mais colaborativa: “É monstro ou fantasma? É bem grande, então precisa de um papel maior. Tem uma saia; e muitos dentes na boca; o cabelo é espetado”; Daniel passou a vislumbrar a foto do problema: “Mãe, o monstro vai ser vermelho, porque vermelho é a cor da raiva”. O menino encorajado pela mudança de direção da conversa, ocupou-se em colori-lo com esmero e a mãe pacientemente o acompanhava na dança dos pincéis. É como fotografar com tintas e pinceladas e o problema ganha materialidade: “Puxa! Ficou legal! Mãe, tem cara de mau!”



“Fantasma da Fúria.”

Satisfeitos com a produção, Daniel diz: “É um gigante da Fúria que atormenta muito, ataca a cabeça, fica batendo.” O recorte a seguir ilustra as conversas que vão sendo tecidas em torno do problema externalizado (as siglas T, D e A, referem-se respectivamente à: Terapeuta, Daniel e Aurora):

T: Acho que ele tem uma britadeira nas mãos e faz furos na sua cabeça, pra entrar! *(Pinto uma ferramenta nas mãos do gigante).* A gente poderia inventar alguma coisa pra te avisar quando ele está ligando a britadeira? *(Pinto um radar que diz “Não”, quando percebe que o gigante está se aproximando)*

D: Não… ele passa pela cabeça...É uma fantasma.

T: Ah! Estamos conhecendo ele melhor! Parecia um gigante, mas é um fantasma!

D: É, ele não faz furos; ele passa pela cabeça *(apaga o desenho da britadeira com tinta branca)*

Entendo que esta atitude de Daniel diz respeito à autoria que ele vai aos poucos construindo sobre a sua relação com o problema. É como se dissesse: "Hei! Esse problema é meu!". Há uma mudança significativa na forma como está conectado com a exploração das dificuldades que o trouxeram à terapia.

A separação entre a identidade da pessoa e a do problema não a exime de enfrentar os prejuízos que este tem trazido para sua vida. Segundo White (2012), possibilita que assuma essa responsabilidade e, dessa forma, é encorajada a estabelecer uma relação mais claramente definida, em que uma gama de possibilidades alternativas torna-se possível. E continuando...

T: E será que ele aproveita algumas "janelinhas" pra entrar na sua cabeça?

A: Acho que é quando ele fica com ciúmes do irmão e quando a gente contraria ele.

Uma forma alternativa de falar das dificuldades que permeiam as relações familiares está em construção sem, contudo, apontar os déficits da criança, culpando-a. Conversações de externalização ao objetificarem o problema, oferecem um antídoto aos entendimentos de transtornos como internos e essenciais daquele indivíduo.

Construindo uma Identidade Para o Problema

O problema agora nomeado O Fantasma da Fúria, gradativamente é descoberto através de uma investigação curiosa em que eu aprendo com a expertise dos clientes sobre sua experiência. O Fantasma da Fúria tem 1.000 anos e mora um ano na casa de cada criança. Chegou quando a família mudou-se da cidade onde moravam, deixando lá os avós paternos amorosos, há dois anos. Alimenta-se da raiva das pessoas e seu prato principal é hambúrguer de raiva. Mora no inferno e lá habitam também outros fantasmas malvados.

Ao ouvir a descrição vibrante de Daniel, Aurora relatou que pais e filhos perderam os amigos, as crianças separaram-se dos colegas da escola, do espaço de brincar

na antiga moradia e da casa de praia dos avós paternos. Diz: “Daniel sempre diz que foi culpa minha a gente ter mudado para cá. Não gosta daqui.”

D: É, a gente teve que vir pra cá porque ela ganhou um emprego aqui. *(percebe as lágrimas da mãe)* Mãe, cê tá chorando??!!!!

T: Acho que vocês todos ficaram muito tristes por terem mudado de cidade. Nada aconteceu como vocês esperavam…

A: Ele fala que eu não sou uma boa mãe, me sinto muito culpada. Faço tudo pra eles, quase nem trabalhar eu consigo…

T: É... um dos truques desses fantasmas malvados é fazer as mães se sentirem culpadas. Eles atrapalham a vida da família toda.

D: Só do meu pai que não! Ele trabalha e chega em casa tarde e fica só no sofá assistindo, né mãe? Aurora ri.

Procurando a influência que o problema tem sobre a vida de Daniel e sua família, destaco o recorte a seguir:

T: O que ele quer para a sua vida?

D: Que eu seja malvado? Ele quer que eu seja malvado!!! *(seus olhos estão bem abertos, dirigidos para a mãe)*

É importante notar aqui a mudança de expressão da criança que parece refletir sobre a influência que o problema tem sobre sua vida e subitamente descobre seu real propósito. E continuando:

T: E o que ele quer para sua família?

D: Quer que a gente brigue, fique na TV sozinho, sem conversar com a mãe, sem brincar, sem jogar... Ele não atrapalha só a família, também vai na casa dos meus avós (maternos). O mais nervoso é o meu avô. Ele deixa o meu avô louco.

D: Mãe, o vovô também precisa vir aqui!

Michael White diz que este tipo de conversação, através de perguntas de influência, se compara a um jornalismo investigativo e seu primeiro objetivo é

“desenvolver uma exposição da corrupção associada com abusos de poder e privilégios” (White, 2012, p. 38) ditados pelo problema. Assim como os jornalistas investigativos, os terapeutas não estão envolvidos com os domínios de resolução de problemas ou com o engajamento no conflito, mas “ao contrário, suas ações normalmente refletem um envolvimento relativamente ‘sereno’” (White, 2012, p. 38). Em contrapartida, os clientes igualmente assumem uma posição de repórter investigativo, refletem sobre a sua experiência e contribuem para a exposição do caráter do problema. Denunciam seus objetivos, propósitos e atividades.

Essa postura revela a importância do descentramento do terapeuta narrativo e prepara o caminho para que eles (os clientes) identifiquem e construam outros planos para suas vidas, aquilo que valorizam e contradizem as vozes ameaçadoras do problema. Em outras palavras, as conversas de externalização oferecem uma ilha de segurança compartilhada para que as pessoas se engajem na reautoria de suas vidas.

Uma Crônica Sobre o Problema Externalizado, Inspirada na Ideia de Documentos Poéticos

Para White e Epston (1990), a palavra escrita é uma via ideal para as descobertas realizadas durante a terapia que, como os documentos, podem ser evocados, lidos e recriados. A tradição escrita, através do “fazer ver” põe em evidência os acontecimentos extraordinários, conferindo prestígio a uma narrativa alternativa que se quer iluminar (César, 2008). Ainda, segundo Campillo Rodriguez (2011), a escrita como recurso terapêutico abre muitos caminhos através dos quais a pessoa pode enxergar-se a si mesma através dos olhos do outro.

Durante os atendimentos clínicos, os poemas terapêuticos constroem, de forma especial, uma abertura para histórias inéditas, que joga com a imaginação e traz aos clientes a liberdade de experimentar suas próprias imagens, sensações e novos significados. Discorrendo sobre a utilidade dos poemas terapêuticos em seu trabalho, Sanni Paljakka (2018) escreve:

> Devido à sua forma pouco convencional (a falta de exigências para chegar à brilhante plenitude de sentenças e ideias de texto em prosa) esses poemas abriram um caminho singular para que eu brinque com as ideias. Escrever na forma poética me permite contrapor as histórias dos problemas, horríveis e aterrorizantes, com a confecção de ideias de uma contra-

> história possível sem necessidade de seguir a sequência ordenada das experiências da vida ou o fluxo da conversa terapêutica. (p. 65)[2]

Assim, como abertura da sessão seguinte à revelação do Fantasma da Fúria, peço para que Daniel e sua mãe sentem-se confortavelmente e ouçam um texto que eu quero lhes apresentar:[3]

Era um problema e era um gigante

Um gigante que de tão gigante, atormentava todo mundo

Atormentava mais ainda o menino

O menino era uma criança

E ele fazia o pior para a criança

Só para a criança, ele tinha uma britadeira

Fazia buraquinhos

Na cabeça do menino

Que era uma criança e o menino criança era

Esperto

Pensativo

Observador

E o menino criança tinha uma mãe artista

O menino criança tinha uma mãe artista!!!

O menino esperto e a mãe artista tiraram uma foto do gigante

Clic, Clic, Clic

[2] Tradução livre de Adriana Muller.

[3] Embora as autoras assinalem que os documentos poéticos devam ser escritos exclusivamente com as palavras expressadas pelo cliente, tomei esta ferramenta terapêutica como inspiração, acrescentando uma forma pessoal de narrar, ao que preferi nomear de crônicas terapêuticas.

Vermelho ele era

Com cabelo engraçado e lá estava a britadeira

De fazer buraquinhos na cabeça

E deixar todo mundo nervoso, briguento e depois...

Triste

E descobriram que o gigante era todo Fúria

Ahá!!!

Agora a gente já te conhece!!!

E o menino esperto e a mãe artista não perceberam…

O Gigante da Fúria, esse era o seu nome, era muito inteligente

Num passo de pincel, zás!!!

Mudou para Fantasma da Fúria

Que danado!!!

Fantasmas não precisam de buraquinhos para entrar na cabeça e na família de meninos espertos e mães legais

Fantasmas atravessam paredes

O menino esperto descobriu o truque. Descobriu que o fantasma passa pela sua cabeça

E vejam só! Ele sabe muitos truques para fazer malvadezas.

Ele tem 1.000 anos.

Declamei a crônica dramatizando-a, de tal forma que a ênfase recaísse nos recursos e acontecimentos extraordinários subjugados pelo problema (o menino era uma criança; era esperto, pensativo e observador; o menino criança tinha uma mãe artista; o menino esperto e a mãe artista tiraram uma foto do gigante),

bem como os propósitos perversos alimentados pelo problema (o gigante que afeta especialmente o menino, que é uma criança; suas maldades são preferencialmente dirigidas a ele; um gigante muito inteligente, que num passe de mágica, transforma-se em fantasma para atravessar cabeças).

Como conversa externalizante, a escuta de suas vivências vindas de outra pessoa escritas de uma forma poética, promove um sentido de legitimação e centra a autoria na pessoa. Ao ouvirem, Daniel diz que gostou e achou engraçado: "Ele nem parece tão ruim!"; ainda prefere manter a sua versão do problema como fantasma que entra na sua cabeça sem fazer buraquinhos: "Ô tia, ele não tem uma britadeira". Aurora ficou tocada pela compreensão de que o filho é "só uma criança" e que, devido a tantas turbulências na família, sua impaciência pode estar prejudicando-o, além de esperar que saiba renunciar de seu espaço na família em benefício do irmão caçula. Foi-lhe surpreendente ser percebida como artista e relatou outras habilidades artesanais, herdadas de sua mãe. Daniel elogiou as habilidades da avó materna, caprichosa e criativa e descobriu que sua mãe se assemelha a ela. O problema externalizado, re-narrado, permitiu a emergência de uma narrativa não subjugada pela história de conflitos, no período entre os encontros. Diz Aurora:

A: O gigante não está aparecendo muito por lá... só está aparecendo com força quando é com o irmão. Eles brigam, o Leo atrapalha, o Daniel perde a paciência *(as palavras gigante e fantasma vão se alternar durante o decorrer da terapia, como significados de uma entidade/problema separada da criança)*

T: Acho que são os truques do Gigante da Fúria para continuar se aproveitando das brigas na sua família.

A: Ele (Daniel) está melhor que eu, mais calmo que eu, obedece quando eu falo.

A despeito de a influência do problema ter tido uma trégua na família, neste encontro foram abordados muitos momentos conflitivos entre irmãos e entre mãe e filhos. Daniel sugere pintar o Gigante/ Fantasma novamente. Muito entusiasmado, anuncia:

D: Agora eu que vou fazer! Vai ter duas cores. Meio com raiva e meio calmo.

A nova fotografia do problema em metamorfose foi feita a quatro mãos, sendo que a criança tentou reproduzir com os próprios traços a primeira forma quase toda criada por Aurora (o gigante da fúria). Esta foi solicitada para os detalhes mais finos dentro de um diálogo amoroso e respeitoso, principalmente vindo da criança. Todos pareciam orgulhosos, ao final.

"Fantasma da Fúria em transformação."

As letras C e A foram adicionadas para sinalizar as iniciais de *Calm* e *Angry,* vocabulários da língua inglesa, aprendidos pelo menino na escola. Descrições e fatos antes mitigados pelo problema povoam as conversas, possibilitando que a criança seja percebida através de seus recursos (aprende outra língua, gosta de pintar, colabora com a mãe). Imersa numa relação dialógica e horizontal, instigada pelas conversas alimentadas pela pintura, contornei as mãos de Daniel num papel em branco, com as letras F (fúria) e C (calma) para serem levadas para casa. Lá elas poderiam ajudá-los a lembrar-se que quando conseguem ficar calmos, o Gigante enfraquece.

"Desenhos das Mãos de Daniel como sinalizadoras das emoções na casa."

A sessão que se seguiu a esta concentrou-se nos esforços de distinguir as influências do Gigante/ Fantasma na vida da família e desta, na vida do Gigante. Os ataques de fúria estão menos intensos; frustrações são expressadas com lamentos. Diz Aurora:

A: Daniel tá mais amoroso, mais compreensivo, me ajudando a ficar calma mais rápido. Era muito só de reclamar, agora tá assim, mais sorridente. Algumas vezes está sendo mais paciente com o irmão.

D: Eu não me irritei com o Leo chorando. Eu falo: 'Caaaalma Leo.

A: Pusemos as Mãos na sala. Num lugar que todo mundo vê.

T: Se tem mais calma na casa, como fica a família?

A: Comprei tintas, eles estão pintando.

T: É uma família de artistas!

Neste momento resgatam as contribuições da avó materna, habilidosa em artes manuais. Daniel fala com orgulho da avó que desenha plantas de casa para os engenheiros. Penso que Aurora tem a oportunidade de ressignificar sua relação com os pais, com os quais sente-se magoada por não receber o apoio esperado: "Meus pais são muito ativos, têm vida própria..."

Daniel está atento e elogia a bondade da avó, mas afirma que o avô é muito nervoso: "O fantasma deve estar morando lá, agora." e continua... "Ô tia, acho que da próxima vez o Gigante da Fúria vai ser todo azul!"

A partir destas conversas, um outro documento poético lhes foi apresentado no encontro seguinte.

Era um gigante

Gigante?

Agora, não mais

Nem gigante era. Encolhera

E no seu encolhimento, OH! Também estaria mudando de cor?

E o gigante pedia ajuda

Socorro! Alguém me ajude! Estou diminuindo e nem vermelho sou!

Socorro!

E ninguém o escuta

A mãe artista e o menino esperto, continuam sua a tarefa de transformá-lo

Agora o pequeno gigante é vermelho e azul

Meio mau, meio bom. Maio raiva, meio calma

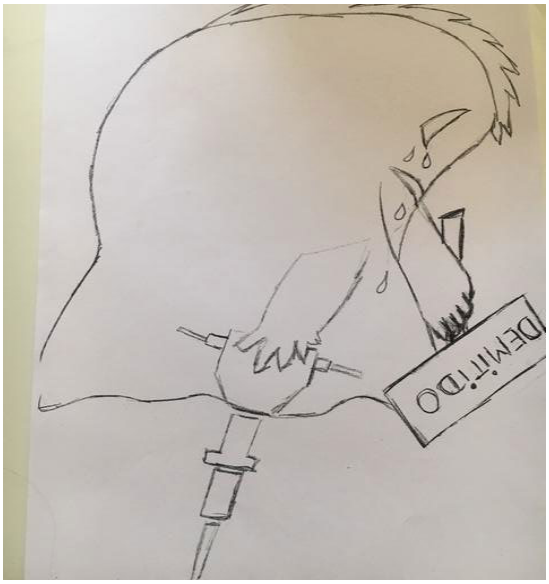
A mãe-esperta e o menino-artista continuam o seu trabalho de pintar o novo pequeno gigante vermelho e azul

O Gigante da Ira vai saindo de fininho

Já não cabe mais naquela sala. Não cabe mais naquelas vidas

Na porta, já se despedindo, olha para trás e leva consigo uma imagem que o incomoda. Vê o menino-artista andando calmamente pela sala, conversando com sua mãe-esperta, decidindo juntos as últimas pinceladas.

A fotografia mudou. E o Gigante da Ira, triste, decide partir em busca de outro lugar para viver.



"O Fantasma da Fúria demitido, feito a meu pedido, por uma artista plástica."

Ao serem apresentados à nova fotografia, desta vez tirada por mim, a mãe ri do fantasma e sua placa “Demitido”. Daniel diz: “Coitado” e “Mãe, a gente tá demitindo ele lá de casa também!”

Com uma sensibilidade construcionista social, a terapia narrativa assume que o self é relacional; dentro da plasticidade das relações, construímos identidades recíprocas, moldadas pelas descrições linguísticas contextualmente situadas. Assim, o interesse e iniciativa de Daniel, num ambiente seguro e inclusivo, o transformam num menino-artista, acompanhado agora por uma mãe-esperta que, menos aturdida pelos seus sentimentos de incompetência e culpa, torna-se alguém que sabe fazer (acolher, incentivar, acreditar, ter esperanças). Portanto, o Gigante que abandona aquela relação é o da incompreensão, da impotência e da dor.

O menino-artista-autoconfiante se prepara para pintar outro fantasma: “Eu faço. Vai ser todo azul. Azul é cor de calma, né mãe?”

“Fantasma da Calma.”

Por estarmos naquele momento às portas do isolamento social devido à COVID-19, suspendemos os encontros presenciais e buscamos construir uma comunicação via aplicativo WhatsApp, por mensagens e áudios, uma vez que as sessões por vídeo-câmara mostraram-se improdutivas para a participação das crianças. Os contatos destinaram-se com mais frequência ao amparo das inquietações de Aurora quanto ao crescente desinteresse de Daniel pelas aulas on-line. Ainda assim, mãe e filho concordavam que o Fantasma da Fúria

continuava desaparecido. Nesse período de confinamento, a interação entre as duas crianças deteriorou-se, deslizando facilmente para o conflito. Sugeri que o irmão Leo fosse convidado a participar de um encontro presencial e todos nos comprometemos com esta reunião, respeitando os padrões sanitários de prevenção à doença.

O recorte abaixo ilustra um momento marcante desse encontro, onde ocorreram muitas disputas, com Daniel pedindo a interferência da mãe para acalmar e segurar o irmão que "só atrapalha" e não o deixa brincar. Aurora tenta algum controle. Leo grita e chora; Daniel reclama e se irrita.

T: Ih! Este é mais um truque desses Fantasmas maldosos da Fúria. Foi embora e deixou seu primo no lugar.

D: Quem?

T: O Fantasma do Choro. Não deixa ninguém brincar. É da família do Fantasma da Fúria.

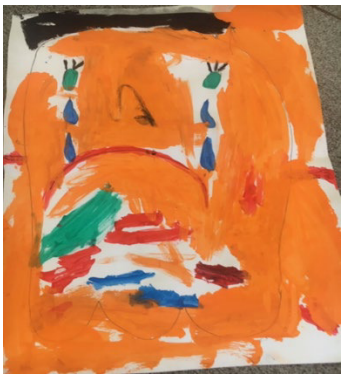
D: Já sei! Vou pintar ele em casa! E vai ser laranja!

Descobrimos mais um truque do Fantasma da Fúria.

T: Esses fantasmas são muito espertos. Eles não vão embora assim tão fácil. Às vezes deixam alguém no seu lugar.

Uma nova conversa se instalou no lugar da conturbação criada até então pelas crianças. Leo perguntou ao irmão se poderia ajudá-lo na pintura do novo fantasma em casa. Uma condição foi colocada por Daniel: "Pode. Mas só se não chorar!"

Estas duas fotografias foram enviadas por Aurora, registrando o momento de colaboração entre as crianças “tirando uma foto da cara do Fantasma do Choro”. Ela usou o aplicativo WhatsApp e enviou também o áudio da sua conversa externalizadora com o filho caçula, sobre o Fantasma do Choro. Na conversa estabelecida com a participação da família incluindo o pai, Leo diz que ele é muito bravo, grita como um urso e come meleca. Fica calminho quando Leo está chorando e fica bravo quando este para, porque ele gosta de barulho. E quando a mãe fala que precisa mandá-lo embora diz: “Mas mãe, ele não anda, agora tá preso no papel!”



“Fantasma do Choro.”

Estabelecemos então uma forma de animar as conversações sobre os problemas, com a participação de Leo, através de áudios via aplicativo, onde eu fazia algumas sugestões sobre como lidar com o novo fantasma que havia recém chegado. O menino-artista Daniel, agora mais colaborativo e implicativo em ações que contribuíssem com os pais e o irmão, sugeriu que este fantasma precisava se acalmar...

“Fantasma do Choro em transformação.”

Esta outra “fotografia” da transformação do Fantasma do Choro foi enviada por Aurora e Daniel. Os áudios da criança esclareceram que a parte verde é a calma que vai fazendo o fantasma parar de perturbar. Perguntei se ele (Daniel) tem tido alguma participação nessa difícil tarefa. Pelo áudio ouvi: “Eu tô ajudando a minha mãe a ficar calma, tia”.

Após muitas semanas de distanciamento, um segundo encontro presencial foi decidido, que permitisse a participação do pai. As crianças estavam animadas e a meu ver, saudosas dos encontros. Rapidamente transformaram a sala de terapia em uma brinquedoteca. A sala foi povoada de brinquedos diversos e Daniel anunciou: “O meu pai é bom em Lego. Quando ele tem tempo, a gente brinca lá em casa”.

Em outro texto (César, 2012), discuto o brincar livremente em terapia familiar com crianças como uma oportunidade privilegiada em que elas solidarizam-se e acolhem os pais com os quais adentram um mundo colaborativo, dissipando-se as fronteiras intergeracionais e amenizando as sombras dos problemas que os trouxeram à terapia. Um dos fatores significativos que contribuíram para as tensões familiares foi o enfraquecimento do convívio entre o pai e as crianças pelo aumento de seu trabalho. Pela mão hospitaleira de Daniel, o pai encontrou um ambiente suficientemente seguro e descontraído para oferecer aos filhos sua presença incondicional.

Ao final dessa sessão, o menino-artista propõe um outro fantasma a ser externalizado:

D: Já sei quem vai ser o próximo fantasma quando a gente voltar!

T: A família de fantasma está aumentando!

D: Vai ser o Fantasma da Brincadeira.

"Fantasma da Brincadeira com bola na mão."

Este novo personagem surgiu no encontro presencial seguinte[4] como um documento pictórico relativo ao contexto lúdico em que a presença do pai foi muito apreciada por todos. Entendemos que o Fantasma da Brincadeira é como um guardião da família, que ajuda a manter a calma, por isso é azul. Gosta de jogar bola na praça e faz todo mundo sair da frente da televisão. Dessa forma, assim como os fantasmas de Daniel vão metamorfoseando-se de inimigos para amigos, está a criança construindo, através de sua arte-criativa-reflexiva, uma comunicação que transforma seus questionamentos ferozes em pedidos? E as conversas de externalização não são elas próprias uma forma de compreender brincando, que gera experiência, produz mudanças e acessa selves preferíveis para todos os envolvidos nas conversações? E, ainda, das conversas de externalização do problema, pudemos nos mover para conversas que externalizam soluções e esperança: o fantasma que acalma pessoas e um outro que convida às relações afetivas através da brincadeira.

Em um dos contatos via celular que mantive com Aurora, mandei uma foto do Fantasma da Brincadeira e escrevi: "Vejam quem está aqui me dizendo: Adriana, será que o Daniel me aceita na casa dele? Ele adora se distrair com os filmes da televisão, mas eu queria bater uma bolinha com ele!! Estou precisando brincar com alguma criança hoje." Poucos minutos depois recebo do menino uma mensagem: "Aceito". E também um sonoro áudio: "Oi Tia, (...) meu pai e minha mãe me ensinaram a jogar tênis...". Continuando a conversa, respondo: "Ah! O

[4] Encontros presenciais com a participação de Daniel passaram a acontecer com periodicidade mensal. Os contatos virtuais foram mantidos de acordo com as necessidades de Aurora, porém não se mostraram suficientes para que ela pudesse tranquilizar-se.

nosso Fantasma da Brincadeira já deve estar aí, se divertindo e batendo palmas para vocês!”

Outros fantasmas foram surgindo, como um certo Fantasma da Reclamação. As visitas do Fantasma da Fúria cessaram, mas este último, um “primo” daquele, vivia a confundir Daniel e o levava a choramingar e dificultar as situações onde teria que atender mais prontamente suas obrigações escolares durante a pandemia. Este não só aprisionava as crianças, mas também conseguia dominar os pais; ele já não era propriamente mau, mas sim, muito cansativo para as pessoas. No encontro em que participaram Aurora e Daniel, refletimos que um fantasma desse tipo se alimentava de quarentenas intermináveis. As pessoas ficaram sem diversões, sem amigos e fechadas em casa, o ambiente preferido dos Fantasmas da Reclamação; nutriam-se de infelicidade e tédio e enganavam as crianças, fazendo-as sentirem-se injustiçadas e sobrecarregadas. Divertiam-se quando as mães ficavam impacientes e irritadas. Que injustiça!

Para Michael White (2012), no processo de reautoria:

> As pessoas ficam curiosas e fascinadas, em relação a aspectos anteriormente negligenciados de sua vida e relacionamentos, e à medida que prosseguem as conversações, essas narrativas alternativas ficam mais adensadas, mais significativamente enraizadas na história e propiciam às pessoas uma base para novas iniciativas ao lidar com os problemas, dificuldades e dilemas de sua vida. (p. 62)

Assim, histórias de reautoria foram continuamente criadas, apesar das rotinas desafiadoras vividas nos lares de famílias com crianças, frente a este assombroso e incerto evento planetário. Aurora aprendeu a esperar e acolher e Daniel manteve viva a presença de seus fantasmas atribuindo-lhes parentescos. Seu membro mais temido parece ter partido, deixando em seu lugar outros menos invasivos, amigos e até generosos. Uma de suas falas aponta tanto para a mudança discursiva sobre o problema e as relações quanto para a construção de soluções compartilhadas: “Ô tia, eu acho que na família dos fantasmas, o Fantasma da Fúria e o do Choro são irmãos, como eu e meu irmão, os outros são primos e têm fantasmas bons e os ruins.”

É importante esclarecer que os encontros presenciais, ainda que esporádicos, foram oportunidades para conversas livres e lúdicas, com o propósito do

(re)encontro afetivo para trocas de acontecimentos e ancoragem das mudanças. Uma observação de Aurora indicava um novo posicionamento: “Lá em casa está como aqui. A gente se desentende bastante, mas logo nos acalmamos. O Fantasma da Ira foi embora e resolver as reclamações está mais fácil.” Em meio a tantas complexidades, ao deixarmo-nos tocar pelo inesperado e com abertura para o acaso, adquirimos olhos para ver e encanto para enxergar.

Os bons fantasmas passaram a ser os parceiros nas negociações familiares, conselheiros cuidadosos para novas decisões dos pais sobre a vida dos filhos. E assim nos despedimos, embora sabendo que um novo fantasma estava prestes a chegar; era amarelo e sua especialidade seria reclamar por aí: “Tudo eu, Porquê sempre eu??...”. Pensando na natureza dialógica do brincar como ferramenta conversacional com crianças, Bakhtin (1986) aponta para a possibilidade de criar algo absolutamente novo, a partir do que é dado. O que é dado é totalmente transformado naquilo que é criado e essa transformação pode ser formidável...

Palavras Finais

Segundo Grandesso (2000), a principal diferença do uso de questões em terapia narrativa é que elas são feitas para gerar experiência ao invés de obter informação. A autora cita Freedman e Combs (1996) ao dizerem que “quando geram experiência sobre realidades preferidas, as questões podem ser terapêuticas em si mesmas” (p. 113). Assim, a partir da abertura curiosa para conhecer cada fantasma, deixamo-nos conduzir, adultos e crianças, tanto nas sessões presenciais quanto nos contatos virtuais, pela criatividade e confiança mútuas.

O leitor pode perguntar-se a respeito da menor participação de Leo, o filho caçula, e da quase ausência do pai, nas sessões familiares. Como não há um planejamento prévio sobre como se dará o processo terapêutico, mas o trajeto se constrói ao caminhar, as escolhas levaram em conta as dificuldades apontadas por Aurora e apoiadas por Daniel, especialistas das próprias vidas, desejos e esperanças (Anderson & Goolishian, 1992). As mudanças de Daniel contribuíram para minimizar os stresses domésticos com o irmão, uma conquista almejada por Aurora. Realizamos também algumas sessões com o casal, para que pudessem dialogar sobre as adversidades e obstáculos enfrentados por cada um, para assim, poderem apoiar-se mutuamente como o sistema protetor que esperavam ser.

Referências

Anderson, H., & Goolishian, H. A. (1988). Human systems as linguistic systems: preliminary and evolving ideas about the implications for clinical theory. Family process, 27(4), 371–393.

Anderson, H., & Goolishian, H. (1992). The client is the expert: A not-knowing approach to therapy. In S. McNamee & K. J. Gergen (Eds.), *Therapy as social construction* (pp. 25–39). Sage Publications, Inc.

Bakhtin, M. M. (1986). *Speech genres and other late essays.* (V.W. McGee, Trans). University of Texas Press.

Brant, F., & Nascimento, M. (1988). Bola de meia, bola de gule [Song]. On *Miltons.* Sony Entertainment.

Campillo Rodriguez, M. (2011). Aprendiendo terapia narrativa a través de escribir poemas terapéuticos. *Revista de la Universidad Veracruzana, 7*(1), 1-21.

César, A.B.C. (2008). A externalização do problema e a mudança de narrativas em terapia familiar com crianças. *Nova Perspectiva Sistêmica, 31*, 85-98.

César, A. B. C. (2012). Que linguagem é essa? O brincar em terapia familiar com crianças. In H. M., Cruz (Org)*. Me aprende? Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores* (pp. 71-89). Editora Roca.

Epston, D. (2019). Re-imagining narrative therapy: An ecology of magic and mystery for the maverick in the age of branding*. Journal of Narrative Family Therapy, 3,* 1-18.

Freeman, J. C., Epston, D., & Lobovits, D. (1997). Playful approaches to serious problems: Narrative therapy with children and their families. W.W. Norton & Company.

Grandesso, M. (2000). Quem é a dona da história? Legitimando a participação das crianças em terapia familiar. In H.M. Cruz (org). *Papai, mamãe, você... e eu?: Conversações terapêuticas em famílias com crianças.* Casa do Psicólogo.

Paljakka, S. (2018). A house of good words: A prologue to the practice of writing

poems as therapeutic documents. *Journal of Narrative Family Therapy, Special Release*, 49-71.

White, M. (2012). *Maps of narrative practice*. W.W. Norton & Company.

White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. W.W. Norton & Company.